CASA DE CAMILO

Noites de Insónia

9 dezembro 2020

Formador: Sérgio Guiimarães de Sousa

SEGUNDO CASAMENTO

Não é muito de espantar destas mudanças que a fortuna traz consigo.

FRANCISCO DE MORAIS
(Palmeirim de Inglaterra)

I

Manuel Antunes de Roboredo nasceu, há quarenta e três anos, no seu solar avoengueiro em Roboredo, povoação do Minho nos subúrbios de Guimarães.

Entre os mais egrégios nomes dos primordiais navegantes e descobridores portugueses, figura o do fundador do vínculo de Santa Olaia de Roboredo, do qual é Manuel Antunes actual administrador.

Este vínculo, em ano próspero de vinho e pão, rendia seiscentos mil réis, no tempo em que o fidalgo minhoto, superadas as dificuldades intelectuais de uma formatura em Direito, mudou a sua residência para o Porto.

O programa, que o bacharel debuxara na tela

da imaginação vesga, era casar rico, dotando-se com as qualidades de sua pessoa, e a dos seus vinte e dous avós conhecidos. A menina, que houvesse de matrimoniar-se com o morgado de Roboredo, casava pelo menos com dez gerações de Antunes, que a lima dos séculos viera adelgaçando até à pessoa de seu marido.

Os dons pessoais do senhor Roboredo eram sobremodo avessos ao prospecto ambicioso que o amor próprio, desleal conselheiro, lhe incutira.

A análise extrínseca do homem dá que o morgado era criatura rara e plebeia até à repulsão. A natureza, que marca os homens pela altura, estacionou, aos treze anos, em Manuel Antunes, se não é que por uma de suas brincadeiras, que a nomenclatura patológica denomina aberrações, não quis antes encurtá-lo progressivamente, entalando-lhe entre as omoplatas uma cabeça colossal e esférica.

Deixemos crescer a cabeça de Manuel Antunes, e procuremos uma criatura simpática e amorável, a ver se o estilo se ameniza, e a benquerença do leitor se merece.

II

Numa aldeia do Alto Minho vivia Ângela, filha de Maria.

Maria nascera de lavradores remediados, que a lançaram de si, quando a culpada filha acusou com lágrimas os sinais de maternidade a sua mãe. Espancada e expulsa, pediu socorro ao pai de Ângela. Era este um fidalgo enfastiado de aventuras análogas àquela: mandou ao mordomo abrir no orçamento uma verba em favor de Maria, que desde logo passou à grande classe das inactivas.

A esmola era pequena e paga com grandes atrasos. Maria trabalhava em costura grosseira, e ensinava as filhas dos lavradores vizinhos para se remediar.

Ângela, orçando por quinze anos, viçou em graças do corpo à competência com as da alma. Tinha belos olhos negros; mas a bondade do coração, que se espelhava neles, realçava-lhe o encanto, e a melancólica poesia da inocência infeliz. Apesar do descuido em que trazia os seus tantos dotes ignorados, não tinha Ângela que

invejar às mais brancas e mimosas cútis que, nas cidades, se resguardam dos ares molestos ao cetim da pele; mais linda era, porém, que todas quando o escarlate do pejo lhe retingia o rosto. Então logo se via que era do sangue alvoçado o corar de Ângela, porque há aí um corar mecânico, cousa muito engenhosa, a que talvez deva chamar-se «talento de corar», o qual serve para cobrir as desgraças da alma, à semelhança do carmim para as do rosto.

Acaso a vira, nessa idade, o pai, volvendo de viajar. Gostou de vê-la assim galante. Liberalizou-lhe algumas palavras afectuosas, e dinheiro para vestir-se com mais asseio. Não foi decerto o amor paternal que o instigou àquela dádiva, menos valiosa que os afagos: seria antes a vaidade do artista que se orgulha da sua obra, sem que o coração aquinhoe dos suspeitos entusiasmos da cabeça.

Maria, enganada pelo insólito favor, animou-se a industriar a filha que pedisse ao fidalgo um dote, ou alimentos certos para entrar com sua pobre mãe num recolhimento. O morgado prometeu uma das duas cousas; morreu, porém, logo depois, sem cumprir alguma. Apossaram-se de tudo os sucessores do vínculo, e encararam impassíveis na filha natural, que fora ajoelhar ao pé da essa de seu pai.

Este nobre porte de Ângela, que não herdara do fidalgo um farrapo, sensibilizou uma prima de seu pai. Após o sentimento, veio a vaidade de se fazer louvada por uma acção aparentemente generosa, e logo o chamar para si a filha de seu defunto primo.

Era de Guimarães a senhora D. Tomásia de Noronha.

Ao primeiro chamamento, perguntou Ângela se sua velha e desvalida mãe havia de ir com ela. Respondeu a fidalga com razões negativas. A órfã agradeceu o benefício, reservando aceitá-lo quando sua mãe compartisse da esmola.

Esta respeitosa e humilde recusa pareceu excitar a mais a caridade da senhora D. Tomásia. Maria foi aceite com a filha. Ainda assim, oscilaram longo tempo na partida pretextando doenças. É que as não deixava sair a saudade da casinha, onde dezesseis anos tinham vivido no amor, na pobreza, às vezes na penúria, na oração, na esperança, e nos desenganos, recebidos com lágrimas, mas lágrimas sem o desesperar e o blasfemar daqueles que, a um tempo, negam Deus e o acusam de injusto.

A mãe de Ângela, sacrificando ao melhor porvir de sua filha a sossegada pobreza a que se afizera, cerrou os ouvidos da alma ao vaticínio de voz íntima que a magoava, e foi para Guimarães, vertendo na soleira da porta da sua casinha as mais sentidas lágrimas que aí chorara, em dezessete anos. Invejavam-lhe o destino as vizinhas que a viam carpir-se, julgando-a louca por deixar chorando uma casa térrea, desaconchegada, onde algumas vezes se não fazia lume,

ao passo que as estava esperando um palácio, mesa farta, divertimentos, e ocasião de pagarem com mãos largas os favores que tinham recebido delas, vizinhas.

Recebidas em Guimarães em casa da filantrópica senhora (*filantrópica* chamou o jornal da terra, no dia seguinte ao da recepção, à sr.ª D. Tomásia de Noronha), deram graças a Deus. Ângela fora acolhida pela prima de seu pai, e filhas desta, com agrado; Maria, porém, fora olhada com ar de glacial desinteresse, senão desprezo. A pobre velha aceitava tudo contente, vendo que a filha era tratada doutro semblante.

Cá nos vem outra vez aprosar a històriazinha o sr. Manuel Antunes Roboredo.

Era este primo também das sr.as Noronhas, e visita frequente, durante a sua residência no solar, onde passava o Verão. Quisera D. Tomásia casá-lo com uma de suas filhas, feias meninas, e estúpidas mais que o tolerável ainda nas galantes. Sobre serem feias e ineptas, eram pobres, porque havia varão na casa, e os bens livres repartidos não davam seiscentos mil réis de capital a cada uma das quatro meninas. Com astutas evasivas desvanecera o morgado o projecto do casamento, a que ele acedera noutro tempo; mas o despeito lá ficou no ânimo da velha, e ainda pior no da filha, que, desde os catorze anos, se enfeitava para esposa do primo Manuel, e se via, aos vinte e cinco, solteira, perdido já aquele viço juvenil que encobre dous terços da fealdade.

Estavam rompidas as relações de Manuel Antunes com as sr.as Noronhas, quando eventualmente as encontrou com Ângela. A curiosidade venceu o pejo e a repugnância. O morgado visitou as primas, deu explicações, fez reviver as esperanças e reatou o fio da assiduidade nas visitas.

Que feia verdade eu tenho que dizer agora!... Vá!

Era Manuel Antunes com a sua masmarra cabeça, um homem perigoso para Ângela, que nunca vira à sua beira outro que se lhe a ele avantajasse em urbanidade, delicadeza e bonitos modos. A familiaridade com que o recebiam, a franqueza provinciana com era aceito às sr.as Noronhas, desvaneceram o natural assustadiço de uma rapariga vinda do campo, e só vezada ao trato grosseiro dos seus iguais, ou às amabilidades lorpas e atrevidas de algum estudante de clérigo que ia de Braga a férias.

Ângela, no entender de suas primas, era uma pobre idota, objecto de riso por sua inocência. Aquela, ouvindo falar as meninas, dizia, em segredo, a sua mãe que elas não pareciam educadas na cidade. Não obstante, na presença do morgado, cujos olhos se não desfitavam dela, era Ângela desafiada pelas meninas a conversar sobre assuntos do coração. Estabeleciam-se teses de amor, muito de indústria trazidas para zom-

baria da aldeã. Riam-se todos da candura da moça, e Manuel Antunes, para não tornar-se suspeito com a sua seriedade, ria-se também contrafeito.

Se aos espertos e amestrados espíritos é impossível, com artifício e cálculo, esconder o coração que todo nos olhos se denuncia, e confessa nas palavras, mal poderia Manuel Antunes, de seu natural asselvajado, esconder às vistas ladinas da prima D. Tomásia o seu amor a Ângela.

Apenas a presuntiva noiva, avisada pela mãe, deu fé da deslealdade do primo Manuel, rebentou logo a conjuração contra Ângela.

Viu ela, no semblante de todas, o aborrecimento, a zanga, e, nas palavras, remoques e insultos. Queixou-se à mãe; e esta, estranha à causa de tamanha mudança, recomendava paciência à filha, e pedia-lhe que trabalhasse com as criadas para ganhar a amizade das senhoras; porém, nem o trabalho, nem a humildade conseguiam abrandar a ira das fidalgas.

Maria procurou uma vez D. Tomásia, e falou esta linguagem, que tirava das lágrimas toda a sua eloquência:

— Minha senhora, eu e minha filha estamos sendo pesadas nesta casa. Viemos há três meses da nossa cabana, e todos os dias choramos por ela...

— Choram!? — atalhou colérica D. Tomásia. — Isso bom remédio tem: é tornarem para lá que não deixam saudades.

— É o que nós faremos, se Deus quiser, minha senhora; mas, antes de sairmos, venho eu, se não ofendo vossa excelência, perguntar que mal fizemos, eu e minha filha, para merecer o desprezo desta família, que nos recebeu com tanta caridade.

— Se o quer saber, saiba que a sua filha tem pouco miolo, percebe? — redarguiu a fidalga bracejando e trejeitando os mais plebeus ademanes. — Lá porque se viu entre senhoras, entendeu que também era senhora, e entrou a bacharelar como as minhas filhas. Viu aqui o meu primo morgado de Roboredo, e entrou-lhe no bestunto a patetice de o namoriscar! Forte pancada!

— Será isso aleive, minha senhora? — disse Maria erguendo as mãos sobre o seio.

— Não me desminta! — bradou D. Tomásia. — Meu primo anda doudo por ela. Há três dias que não vem a esta casa porque sua filha não lhe tem aparecido.

— Mas, se assim é, bem pode ser que a minha Ângela não tenha culpa... Os homens têm lá as suas ideias, e uma rapariga não deve perder só porque caiu em graça deles.

— Você é uma pobre criatura, que não sabe nada do mundo, senhora Maria — tornou a fidalga mofando da velha. — Se quer vê-la confessar, sem querer, chame-a e pergunte-lho.

— Pois sim, minha senhora, eu vou chamá-la, e... Deus me ajude.

Foi Maria ao quarto de Ângela, e disse-lhe:

— Vem comigo.

Entraram na sala, onde D. Tomásia de Noronha, refestelada numa otomana, cruzando os braços sobre os empinados seios, bamboava uma perna sobre a outra.

— Ela aqui está — disse Maria —, vossa excelência pergunte-lhe o que quiser, porque eu não tomei bem sentido no que me disse.

— Disse-lhe — interrompeu com veemência D. Tomásia —, que sua filha, esquecida da humildade e modéstia com que devia receber e agradecer a esmola da consideração que lhe demos, ousou aceitar a corte do primo Roboredo.

Ângela levantou os olhos, e fitou-os embaciados de lágrimas nos olhos interrogadores de sua mãe.

— Que respondes, filha?

— Que hei-de eu responder, minha mãe?! A senhora D. Tomásia está enganada — disse Ângela com brandura.

— Estou enganada!? Enganada está você! Cuidou que vinha lograr-me lá do mato?! Talvez não saiba o que é *aceitar a corte?!*

— Não sei, minha senhora.

— Não sabe!? Olha a inocência em pessoa! Que lhe tem dito meu primo?

— O que vossa excelência e mais as meninas têm ouvido.

— E não lhe escreveu?

— Escreveu, sim, minha senhora.

— Vê, senhora Maria! — exclamou a fidalga erguendo-se de salto. — Vê como ela confessa? Quer ainda a cousa mais clara?

— Pois esse senhor escreveu-te, Ângela!? — disse Maria, pálida e convulsa.

— Escreveu, sim, minha mãe.

— O mariola! O patife! O sedutor! — bradou D. Tomásia gesticulando furiosa. — Que lhe diz ele na carta?

— Não sei, minha senhora. A carta que me deram há meia hora, não a abri ainda. Ela aqui está: pode vossa excelência lê-la. A minha tenção era mandar-lha fechada logo que tivesse por quem; mas, se a senhora quer ler, leia.

Ficou enleada a nobre dama de Guimarães. A brandura de Ângela, oferecendo-lhe a carta, era já como um castigo. Mais indignada contra o primo que contra a moça, tomou a carta com bom modo, e disse:

— Eu responderei ao tratante: a menina não tem culpa, que é inocente.

In *Doze casamentos felizes,* de Camilo Castelo Branco.